

GASQUE DE SOUZA, K. Resenha do livro *Sintaxe gerativa: uma introdução à Cartografia Sintática*. *ReVEL*, v. 22, n. 43, 2024. [www.revel.inf.br].

Resenha do livro *Sintaxe gerativa: uma introdução à Cartografia Sintática*

Karoline Gasque de Souza¹

karolinegasque@gmail.com

O livro *Sintaxe gerativa: uma introdução à Cartografia Sintática*, publicado pela Editora da Unicamp em 2021, com 213 páginas, é de autoria de Aquiles Tescari Neto e se propõe a sanar uma lacuna existente no português brasileiro, pois, até então, faltava um “manual introdutório” sobre Cartografia Sintática. A Cartografia Sintática, em especial a italiana, que é a abordada na obra, é uma vertente da teoria de Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa (Chomsky, 1981) e foi desenvolvida concomitante ao Programa Minimalista (Chomsky, 1995) na década de 1990.

Aquiles Tescari Neto é doutor em Ciências da Linguagem pela Università Ca' Foscari Venezia (Itália), professor do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e coordenador do Laboratório de Cartografia Sintática: Pesquisa e Ensino (LaCaSa) da referida universidade, conforme a biografia disponibilizada no livro. Aquiles é uma referência quando o assunto é a Cartografia Sintática no Brasil. Ele menciona, na apresentação, que dedicou ao menos dois anos para a elaboração da obra, o que fica perceptível pelo cuidado dedicado à escrita e à organização dos capítulos para tornar a Cartografia acessível especialmente aos estudantes de graduação, o principal público-alvo da obra.

O livro está dividido em cinco capítulos, além do “Prefácio” escrito por Sandra Quarezemin, da “Apresentação”, da “Introdução”, das “Considerações finais” e das

¹ Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bolsista CNPq.

“Referências bibliográficas”. No primeiro capítulo é feita a apresentação da Cartografia Sintática, envolvendo a história e os pressupostos da teoria. Esse capítulo é imediatamente seguido por uma rica discussão a respeito de definições, nomenclaturas e o princípio que embasa a Cartografia. No terceiro capítulo é apresentada a metodologia cartográfica, e os dois últimos capítulos abordam o passo a passo de algumas derivações de sentenças em português brasileiro e outras línguas. Ao final de cada capítulo, há uma seção intitulada “Recapitulando”, em que os pontos essenciais são resumidos. Logo depois, são apresentadas brevemente as “Cenas do próximo capítulo”, oferecendo um vislumbre do que está por vir. As principais referências teóricas são indicadas em “Para saber mais” e, por fim, há a seção “Agora é com você” com propostas de exercícios para aplicação do conteúdo do capítulo.

Na introdução da obra, o autor explica o porquê da nomenclatura “cartografia” para a presente vertente da teoria sintática. Ele expõe que, assim como a cartografia da Geografia diz respeito à representação do espaço geográfico, à criação, leitura e análises de mapas, a Cartografia da Sintaxe concerne às configurações de forma ilustrativa da sintaxe das línguas. O autor menciona que Guglielmo Cinque explicou em 2016 que os primórdios da Cartografia seriam oriundos do primeiro livro de Chomsky (1957), em que ele descreve a ordem das regras de reescrita de determinadas categorias. Cinque, professor emérito da Università Ca' Foscari Venezia, é apresentado como um dos fundadores da Cartografia Sintática e é o autor mais citado no decorrer da obra. A via de curiosidade, ele foi orientador de Tescari Neto, o autor da presente obra.

O capítulo um, intitulado *Cartografia Sintática: uma introdução*, evidencia os principais objetivos da teoria. A começar pelo sentido amplo e o sentido estrito da Cartografia. Como sentido amplo, o autor utiliza como exemplificação Pollock (1989) que explode a projeção de flexão única (IP) e a separa em duas, uma para a flexão de número e pessoa (AgrP) e outra para a flexão de modo e tempo (TP), com base em variações intra (na própria língua) e interlinguísticas (entre línguas) com relação ao inglês e ao francês. A respeito da linearização de verbos e advérbios, em inglês os advérbios estão em uma posição pré-verbal, fazendo com que o verbo permaneça sempre na posição em que foi gerado, enquanto em francês os advérbios estão em

uma posição pós-verbal, sendo necessário haver a subida do verbo, ou também podem estar antecedendo os verbos. Assim, a Cartografia em sentido amplo significa “explicar fenômenos sintáticos com base na assunção de estruturas mais articuladas” (p. 30).

A Cartografia em sentido estrito, que se desenvolveu em um primeiro momento na Itália, conforme já mencionado, se vincula à teoria de Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa por ser compreendido que as representações/categorias propostas fazem parte da Gramática Universal (GU), estando disponíveis para as mais diversas línguas naturais. Os principais fundadores são Cinque, como já mencionado, com seus estudos acerca dos advérbios e núcleos funcionais, de 1995 e 1999, e Luigi Rizzi com os estudos a respeito da periferia esquerda da sentença, de 1997. É ressaltado em vários momentos que é essa Cartografia em sentido estrito que é posta em evidência e abordada na obra. Tescari Neto menciona Cecilia Poletto para explicar que a Cartografia se difere do Minimalismo por não permitir as adjunções múltiplas, de sintagmas a sintagmas, o que é permitido no Minimalismo.

O primeiro capítulo, além de explicar o que é Cartografia em seus dois sentidos (amplo e estrito) e em qual delas o livro se situa (estrito), apresenta quais são as bases epistemológicas da Cartografia. São elas, conforme Tescari Neto (2021: 38):

- (i) a teoria da antissimetria de Kayne (1994);
- (ii) as camadas da periferia esquerda – de Rizzi (1997; 2004) e Benincà & Poletto (2005) – e direita (Belletti, 2004), no domínio oracional, bem como as periferias do domínio nominal (Giusti, 2006; Laenzlinger, 2011);
- (iii) as camadas do *Middlefield* (espaço IP) da oração (de Cinque, 1999) e as camadas da expressão nominal (Cinque, 1994; 2010; 2013b; Scott, 2002; Laenzlinger, 2011); e
- (iv) O princípio do OFOH (Kayne, 2005a).

O capítulo dois, *Classes, categorias e hierarquias: o Princípio do “One Feature, One Head” na metodologia da Cartografia*, é voltado mais especificamente à última base epistemológica da Cartografia, a considerada “diretriz metodológica-guia de toda investigação em Cartografia”, o Princípio do One Feature, One Head (OFOH), de Kayne (2005a). De acordo com esse Princípio, cada traço possui um núcleo na projeção, ou seja, na estrutura sintagmática. O Princípio está em consonância com o critério de divisão de classes dos advérbios altos de Jackendoff

(1972), o qual, conforme Tescari Neto, prevê que advérbios de classe semântica diferentes podem coocorrer seguindo uma ordem específica, enquanto advérbios de mesma classe não. Em 1999, apoiado em Jackendoff, Cinque propôs a Hierarquia Universal de IP, na qual é apresentada a única ordem possível para a ocorrência de classes ou categorias diferentes. As sete primeiras projeções da Hierarquia de Cinque (1999) aparecem abaixo (Tescari Neto, 2021: 47-8):

[francamente Mood_{SpeechAct}
 [surpreendentemente Mood_{Mirative}
 [felizmente Mood_{Evaluative}
 [supostamente Mood_{Evidential}
 [provavelmente Mood_{Epistemic}
 [uma vez T_{Past}
 [então T_{Future}
 [...]

Na obra, o autor expõe as mais de trinta projeções ordenadas antes do Verbo. Conforme a Hierarquia, dois advérbios avaliativos, por exemplo, não podem coocorrer em uma sentença (p. ex., “infelizmente” e “lamentavelmente”) por pertencerem à mesma classe, independentemente da ordem. Na sequência, o autor explica a diferença entre “classe de palavras” e “categoria”; tais termos são inclusive utilizados como sinônimos, o que pode gerar confusão, mas na verdade se diferenciam substancialmente, como salienta o autor. A começar por “classe de palavras”, que, em seu sentido dito mais amplo, disseminado, faz referência às dez classes da Gramática Tradicional, mas em seu sentido estrito – e o que interessa na obra –, corresponde às diversas classes de cada unidade linguística (p. ex., a classe dos advérbios avaliativos, a classe dos advérbios epistêmicos, etc.), sendo cada classe correspondente a uma possibilidade de realização de determinada categoria. Assim, é possível que duas palavras da mesma classe de palavra (no sentido da GT) estejam lado a lado em uma sentença, mas necessariamente precisam ser de classes e, portanto, de categorias, distintas. Tescari Neto explica a impossibilidade de coocorrência de dois elementos pertencentes à mesma categoria, independentemente da forma de realização, utilizando uma língua bantu, o tcheco e o machame como exemplos.

O capítulo três, *Metodologia Cartográfica: desenho de mapas e diagnose da posição de constituintes sintáticos*, começa com uma ilustração das projeções do

verbo que foram expandidas por Pollock (1989) com base nos verbos do francês – tal discussão explícita a necessidade da postulação de (Agr > T > V). Em inglês, o verbo não sofre movimento, mas em francês o verbo finito deve se deslocar até Agr, enquanto o verbo infinitivo pode se mover para T ou permanecer na posição inicial. Na sequência, o autor apresenta a projeção estendida do Verbo, o *Middlefield* (zona do IP), e os testes de “precedência-e-transitividade” de Cinque (1999), os quais se mostram importantes e o orientaram na ordem da Hierarquia Universal de diferentes advérbios e núcleos funcionais que são exemplificados em português brasileiro, catalão e espanhol.

Na sequência, Tescari Neto demonstra que, como os advérbios seguem uma hierarquia fixa, eles servem como “recursos diagnósticos” para outros constituintes, como, por exemplo, diferentes formas verbais e, inclusive, a posição do sujeito e dos objetos. O autor se dedica a apresentar as estruturas e os movimentos necessários do verbo finito e do verbo infinitivo do português brasileiro e do espanhol peruano da cidade de Lima, com base em um trabalho anterior (Tescari Neto, 2020a). Segundo o autor, o verbo infinitivo se mantém nas mesmas posições nas duas línguas, independente do advérbio, ao passo que o verbo finito pode subir mais em português brasileiro do que no espanhol peruano, isto demonstra que há variações entre as línguas/os sistemas, o que exhibe uma variação paramétrica que é independente de questões semânticas². É argumentado pelo autor que essa variação não seria detectada em outros programas que não fosse o cartográfico, como no Programa Minimalista, por exemplo.

O quarto capítulo da obra, *Derivando sentenças em Cartografia: parte I*, é o mais extenso, pois é repleto de ilustrações com o passo a passo de derivações e explicações a respeito da alocação e do movimento de advérbios e verbos. Em um primeiro momento, o autor mostra os resultados de suas pesquisas anteriores (Tescari Neto, 2020c) acerca do movimento obrigatório do participio passado em cinco línguas (português brasileiro, português moçambicano, espanhol colombiano,

² Conforme os exemplos do em Tescari Neto (2021: 89 e 91):

(i) PB: (*À toa) limpar (à toa) a casa (à toa), o João odeia.

EP: (*En vano) limpiar (en vano) la casa (en vano), Eduardo odia!

(ii) PB: Eduardo (*??à toa) fez (à toa) seu trabalho (à toa).

EP: Eduardo (en vano) compró (en vano) la entrada (en vano).

espanhol peruano e espanhol venezuelano). Ele também compara entre essas línguas a subida do particípio passado e menciona outras (italiano, sardo logudorês e francês), que foram estudadas por Cinque (1999), para mostrar que existe microvariação entre os sistemas e que a teoria consegue dar conta dela. O que muda entre as línguas é o movimento do verbo, e não a Hierarquia que é proposta pela Cartografia. Nesse capítulo o autor explica de forma muito didática o passo a passo da derivação de uma sentença com particípio passado em português brasileiro (a saber, “O Giginho tem cavocado de novo com frequência o vaso do vovô”). A derivação começa do momento em que o verbo é alçado do VP e se estende até a inserção do sujeito, seguindo a ordem hierárquica e dando especial atenção aos momentos de soldagens dos advérbios e as subidas do particípio (“cavocado”). Ao total, são doze passos para derivar essa sentença, contando com o movimento do auxiliar até o núcleo T_{Past} e a projeção do sujeito em [Spec, SubjP].

Ainda nesse capítulo, o autor se dedica a apresentar a “assimetria direita-esquerda” proposta por Cinque (2005; 2009), que funciona tanto para modificadores e núcleos funcionais do verbo (Modo, Tempo e Aspecto) quanto para modificadores do nome (Demonstrativo, Numeral e Adjetivo). Tal assimetria é interessantíssima por permitir que sejam derivadas as ordens atestadas nas línguas naturais através de movimentos sintagmáticos. Conforme a explicação de Tescari Neto, os modificadores do nome podem ser dispostos em apenas uma ordem quando o precedem, $Dem > Num > A > N$. Há línguas em que os modificadores seguem o nome e nesses casos a assimetria funciona igualmente, já que os modificadores estarão ordenados de igual forma, $N > Dem > Num > A$, ou poderão estar dispostos naquilo que o autor nomeia como “imagem especular” da ordem, $N > A > Num > Dem$. A ordem de base é a primeira, aquela em que os modificadores precedem o nome, e, a partir dessa, outras combinações por movimento são feitas.

O autor ressalta que, considerando os quatro elementos, seja com o verbo ou o nome (p. ex., $Dem > Num > A > N$), haveria vinte e quatro combinações possíveis (matematicamente, o fatorial de 4 é 24), porém pela proposta de Cinque, que além da ordem de base elaborou parâmetros de movimento, é possível derivar perfeitamente as quatorze ordens que são atestadas, ao mesmo tempo em que a proposta exclui as

dez ordens que nunca foram observadas nas línguas naturais. Tescari Neto se dedica, no capítulo, de forma mais intensa à discussão a respeito do nome, ilustrando todas as combinações dos modificadores, e instiga o leitor a fazer o mesmo com as combinações envolvendo modificadores e núcleos funcionais do verbo.

Antes de finalizar o capítulo, ele apresenta a projeção estendida do nome e do verbo com as respectivas hierarquias e parâmetros de ordenação conforme propostas, respectivamente, por Rizzi e Cinque (2016) e Samo (2019). Na projeção estendida do nome são incluídos, por exemplo, categorias de diminutivo e quantificadores universais; já na projeção do verbo, morfemas de voz passiva, tempo passado, morfema de concordância, etc. O autor ilustra as derivações para cada tipo e, além de um exemplo do português, apresenta duas derivações mais complexas, uma do suaíli (língua banta) e outra do coreano, para exemplificar as derivações do verbo. No coreano, por exemplo, além do morfema lexical, há seis outros morfemas gramaticais.

O capítulo cinco apresenta a continuação do quarto capítulo, *Derivando sentenças em Cartografia: parte II*, focando mais nas derivações envolvendo movimentos sintagmáticos. O objetivo do capítulo, segundo as palavras do autor, é tornar o mais didática possível a noção de que as hierarquias cartográficas precisam ser compreendidas como “relógios de consulta” ou “mapas”, por serem capazes de prever quando o constituinte entra na derivação ou se desloca. Esse capítulo é importante pelo fato de o autor poder agora (depois de explicar a Hierarquia Universal, a assimetria direita-esquerda, o algorítmico de Cinque para a ordem das derivações, entre outros) ilustrar ocorrências mais complexas. A primeira sentença utilizada como exemplificação é do português brasileiro e é composta por um elemento focalizado contrastivamente (a saber, “COM MUITO CARINHO que rapidamente a Maria beijou o doguinho”).

De acordo com Tescari Neto, a primeira coisa de uma derivação é identificar os itens lexicais da numeração e projetar a estrutura conforme a transitividade do verbo. Feito o básico, que é a união do verbo com os argumentos em VP (o argumento interno e o externo), é realizada a mobilização dos traços da teoria cartográfica. Assim, é inserida uma projeção para a valoração do traço de acusativo e, logo depois, a categoria Voice (que possui três projeções funcionais) para soldar o elemento

adverbial que será focalizado posteriormente. Após uma subida do VP, é realizada a soldagem do outro advérbio, o acelerativo (“rapidamente”), então, o VP sobe novamente até a projeção de núcleo [Spec,T_{Anterior}] e é valorado o traço de Caso nominativo do argumento externo. Depois de quase dez etapas, é o momento de entrar na periferia esquerda da sentença para a subida do advérbio acelerativo e do elemento adverbial focalizado (“com muito carinho”).

A segunda sentença utilizada como exemplificação dos mecanismos de derivação é do tenetehára (língua indígena brasileira) e a diferença é que a ordem da derivação é invertida, espelhada, pois a língua conta com morfemas livres/partículas no final da sentença para veicular significados de tempo, aspecto, modalidade, etc. Com esses exemplos, o autor demonstra que, a partir de uma única estrutura de base hierárquica e restritos parâmetros de movimentos sintagmáticos, é possível determinar a ordem de todas as línguas, independentemente de como é o núcleo (inicial ou final).

O capítulo é finalizado com uma breve recapitulação e, assim como os outros, com perguntas acerca das discussões e explicação das notas de rodapé. Em todos os capítulos, o autor apresenta a seção “Agora é com você”, como já mencionado, com questionamentos interessantes baseados em questões teóricas, entrevistas e exemplos de outras línguas (tanto das línguas que são mais conhecidas, como o português e o inglês, quanto das línguas pertencentes às famílias indígenas e bantas). O autor, inclusive, faz provocações ao leitor sobre as contribuições da Cartografia para a Educação Básica.

Nas considerações finais da obra, Tescari Neto cita brevemente as principais discussões de cada capítulo e conclui externalizando contentamento com o resultado do seu trabalho, ao escrever que “este é um livro que eu gostaria de ter lido na minha época de estudante” (p. 199). Felizmente, graças a ele, os estudantes agora dispõem de, mais que um livro, um manual para leitura e consulta a respeito da Cartografia Sintática da forma mais didática possível. Dito isso, a obra já pode ser considerada como um clássico da sintaxe brasileira que merece ser relida sempre que possível, pois, como considera o autor a respeito de Cinque (1999), “os clássicos se releem, não se leem!” (p. 95). Cabe, então, sinceros agradecimentos ao autor pela elaboração da

obra e, além disso, importa ressaltar que não é possível dar conta, em uma resenha, da amplitude de detalhes e didatização pretendida e alcançada de forma satisfatória por Tescari Neto.

Referências Bibliográficas

TESCARI NETO, Aquiles. *Sintaxe Gerativa: uma introdução à Cartografia Sintática*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021.